

ALFABETIZAR LETRANDO: DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ALFABETIZADORA

Georgyanna Andréa Silva Morais ¹

RESUMO

O presente artigo é parte integrante das discussões empreendidas na pesquisa do Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí, cujas reflexões revelam os desafios da prática pedagógica alfabetizadora para alfabetizar letrando, com base na realidade educacional do município de Caxias-MA. Neste estudo, discutimos as implicações decorrentes da alfabetização na perspectiva do letramento, a partir das reflexões em torno da natureza da alfabetização e do letramento, dada a especificidade de cada termo, do papel da escola enquanto espaço social do ensino formal da escrita e da prática pedagógica alfabetizadora nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Prática pedagógica alfabetizadora

Notas introdutórias

O ato de ler e o ato de escrever constituem elementos inerentes à condição humana, uma vez que a aquisição da língua oral e escrita nos remete à possibilidade de participação social na qual nos tornamos seres no mundo. A aquisição da leitura e da escrita implica, portanto, uma questão de cidadania, ao tempo que se revela como uma forma de inclusão social, ao possibilitar-nos a capacidade criadora e o posicionamento crítico do mundo no qual estamos inseridos. Desse modo, o domínio da língua oral e escrita amplia nossos horizontes, proporcionando-nos, sobretudo o acesso à informação e à produção do conhecimento.

Realçamos que, o ato de ler e escrever não se constituem como naturais, mas revelam-se como processos que ocorrem a partir das interações sociais estabelecidas, conduzindo-os à assimilação dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, com vistas à sua reelaboração. A escola, enquanto agência por excelência de produção de conhecimentos desempenha um papel de fundamental importância no processo de aquisição da língua escrita, ao desenvolvê-la de forma

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí; Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará; Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação /Caxias-MA. E-mail: georgyan_morais@yahoo.com.br

sistematizada, atribuindo sentido ao aprendizado da leitura e da escrita, por meio das interações estabelecidas no contexto escolar.

Nesta perspectiva, este estudo analisa o processo escolar de alfabetização, na perspectiva do letramento, tendo como foco a prática pedagógica alfabetizadora enquanto instância que pode estimular a utilização da escrita, observando seus diferentes usos e funções no âmbito da sociedade.

As reflexões empreendidas acerca do processo de aquisição da leitura e da escrita, revelam o caráter multifacetado da alfabetização e do letramento de modo que, além das habilidades específicas desenvolvidas em torno do ato de ler e escrever se faz necessária a compreensão dos usos sociais da escrita aos quais a alfabetização deve responder, uma vez que o domínio da tecnologia da leitura e da escrita não garante por si só o desenvolvimento de habilidades necessárias para que o sujeito obtenha êxito mediante as exigências de uma sociedade letrada.

Discutiremos, portanto, nessa parte do estudo, as implicações decorrentes da alfabetização na perspectiva do letramento, a partir das reflexões em torno da natureza da alfabetização e do letramento, dada a especificidade de cada termo, do papel da escola enquanto espaço social do ensino formal da escrita e da prática pedagógica alfabetizadora nesse processo.

Alfabetizar ou letrar?

No âmbito da prática escolar de aquisição da escrita, observamos a relação estabelecida entre alfabetização e letramento, sendo a compreensão desses conceitos muitas vezes assumida enquanto a substituição de um termo por outro, ou mesmo de concepção da alfabetização enquanto pré-requisito do letramento, fator este que resulta na dicotomia existente entre alfabetizar e letrar. Nesta discussão, recorreremos aos estudos de Soares (2003, 2004, 2005), Carvalho (2005), dentre outros, em busca de embasamento teórico que possibilite o desvelamento da especificidade dos termos alfabetização e letramento, visto que o nosso entendimento se coaduna com o pensamento postulado pelas autoras de que ambos são processos multifacetados e de natureza específica.

Conforme Soares (2003), no Brasil, o letramento surgiu enraizado no conceito de alfabetização, originando dessa forma uma confusão entre a especificidade de cada termo, provocando uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, o que tem conduzido certo apagamento da alfabetização. Neste aspecto, o letramento vai sendo concebido como pré-requisito da alfabetização ou a alfabetização passa a ser considerada parte integrante do letramento no processo de aquisição do código. Em nossa observação, as discussões inerentes à prática pedagógica alfabetizadora têm suscitado inúmeros questionamentos acerca de qual terminologia deve ser contemplada no desenvolvimento da ação docente em relação ao ensino da língua escrita.

Alfabetizar e letrar muitas vezes se confundem e se mesclam, havendo a necessidade de compreensão dos conceitos de alfabetização e de letramento, dada a especificidade de cada termo, a fim de que possamos realçar a importância de que ambos são processos distintos, porém indissociáveis. Assim,

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização [...] (SOARES, 2004, p. 14)

Neste sentido, alfabetizar não é letrar e letrar não é alfabetizar, haja vista que a alfabetização é o processo sistemático de aquisição do sistema alfabético e o letramento refere-se às práticas sociais de leitura e escrita nos diferentes contextos e com finalidades específicas. Defender a alfabetização enquanto aquisição do código não traduz um conceito pautado numa concepção tradicional do processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, mas decorre de uma tomada de decisão em prol da reinvenção da alfabetização (SOARES, 2003) que se faz necessária diante da concepção atual em torno do aprendizado do código estar vinculado ao conceito de letramento. Reinventar a alfabetização é dar novo sentido a este conceito, ressignificando o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, de modo a compreendê-lo a partir de um enfoque multifacetado que abrange a

[...] consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações grafema-fonema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da

forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita [...] (SOARES, 2004, p. 15).

Assim, a alfabetização implica o aprendizado de uma técnica indispensável para a entrada no mundo da escrita, ao tempo que o letramento está relacionado ao desenvolvimento de ações voltadas para o uso social da escrita e implica a participação de sua utilização em experiências diversificadas a partir da interação com os diferentes gêneros textuais.

Alfabetizar letrando

As reflexões da especificidade da alfabetização e do letramento nos revelam a necessidade da vinculação dos dois termos na prática pedagógica alfabetizadora, de modo que o trabalho pedagógico desenvolvido na escola contemple uma proposta de “alfabetizar letrando”, em que o ensino e a aprendizagem do código estejam permeados pelas práticas sociais de utilização da escrita, conferindo-lhe sentido e significado a partir de suas diferentes finalidades no contexto social, afinal, numa sociedade letrada, não basta apenas aprender ler e escrever, é preciso praticar socialmente a leitura e a escrita, compreendendo as finalidades decorrentes nos diversos contextos de letramento. Assim, alfabetizar letrando não constitui um novo método de alfabetização que consiste na utilização de textos variados no ambiente escolar, mas a ressignificação do sentido da alfabetização, sobretudo numa perspectiva pedagógica que contemple metodologias relacionadas à aquisição da escrita, haja vista que, conforme Soares (2004) há múltiplos métodos para a aprendizagem inicial da língua escrita.

Dessa forma, faz-se necessária a compreensão de que o processo da alfabetização envolve situações de ordem psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística (SOARES, 2004), que não podem ser desconsideradas no tratamento didático no ensino da língua, envolvendo diferentes metodologias conforme a natureza do trabalho e os objetivos propostos visando atingir as diversas finalidades de apropriação da escrita, enfatizando por um lado, a aquisição do sistema alfabético e, por outro, a imersão na cultura escrita por meio dos usos sociais nos diferentes contextos dos quais participa. Nesta perspectiva,

[...] aprender a escrever envolve dois processos simultâneos: compreender a natureza do sistema de escrita – os aspectos gráficos – e o funcionamento da linguagem que usamos para escrever – os aspectos discursivos [...] (LAROCCA; SAVELI, 2005, p. 215-216).

O trabalho com textos na alfabetização constitui uma metodologia adequada para focar esses dois aspectos da aprendizagem da língua escrita, pois que o desafio de tornar o aluno alfabetizado e letrado decorre da contextualização dos usos da escrita nas diferentes situações do cotidiano. Portanto, a alfabetização na perspectiva do letramento deve evidenciar a importância do trabalho com os diversos gêneros textuais, com base nos diferentes suportes de leitura, tendo em vista proporcionar ao aluno a percepção das múltiplas formas de utilização da escrita para diferentes finalidades, a partir das situações de letramento presentes no cotidiano do aluno, uma vez que os textos apresentam situações comunicativas diferenciadas, possibilitando ao aluno compreender que a estrutura e a organização do texto estão relacionadas à função discursiva que exercem nas práticas cotidianas da realidade circundante, ou seja, uma carta, uma receita culinária, uma bula, um anúncio de jornal, um bilhete, um folheto informativo, dentre outros suportes textuais.

Neste cenário, a escola enquanto espaço socialmente instituído para desenvolver o ensino sistemático e formal da escrita tem como papel “[...] formar usuários efetivos da escrita que vão operar com essa tecnologia cultural para ler e produzir textos em vários ambientes [...]” (FRADE, 2007, p. 302), ou seja, oferecer condições para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, considerando a língua padrão como uma das diversas maneiras de comunicação. Neste sentido, a escola deve respeitar a história de letramento e a variação linguística do aluno no processo de alfabetização, haja vista que são aspectos de grande relevância para o aprendizado da escrita.

Conforme mencionado anteriormente, a escola é a instituição social responsável pela transmissão convencional do sistema alfabético, cujo conteúdo é sistematizado com base na língua culta ditada pela cultura dominante que sufoca as diferentes maneiras de comunicação que não estejam de acordo com a norma padrão. A compreensão acerca da língua padrão como uma das formas de utilização da escrita, evidencia o caráter de concepção da língua na perspectiva sociolinguística, pois situa a maneira de falar com o contexto que se está inserido, assim como o uso que se faz da

escrita. Assim, com base no papel social que desempenhamos em um determinado contexto, monitoramos a nossa maneira de falar, haja vista que não utilizamos aspectos da norma culta o tempo inteiro para nos comunicar, portanto, a escrita apresenta múltiplas funções ao ser utilizada em casa, na igreja, no clube, dentre outros espaços sociais.

No convívio com uma cultura letrada, sobretudo na interação com seus pares, mediante experiências vivenciadas na família, a criança traz para a escola marcas da escrita, sendo a oralidade um dos fatores de construção das regras internas da língua, necessárias ao desenvolvimento da língua escrita. Nesse sentido, a escola deve partir dos conhecimentos que o aluno tem acerca da escrita e organizá-los tendo em vista os usos especializados da língua (BORTONI-RICARDO, 2004) que irá desempenhar em contextos diferenciados e com funções específicas.

Desafios da prática pedagógica alfabetizadora

As discussões empreendidas neste estudo explicitam o caráter multifacetado da alfabetização e do letramento, caracterizando-os enquanto termos de natureza distinta, porém indissociáveis. Nesse sentido, reiteramos a compreensão acerca da especificidade de cada termo no desenvolvimento da prática pedagógica alfabetizadora, postulando que o processo de alfabetização ocorra na perspectiva do letramento, para atender as demandas sociais em que não basta aprender ler e escrever, mas faz-se necessário utilizar, de maneira competente, a leitura e a escrita, compreendendo a função de ambas nos contextos sociais. No entanto, considerando as múltiplas facetas da alfabetização e do letramento e a importância de uma ação pedagógica que garanta o desenvolvimento desses processos na aquisição e apropriação da língua escrita, questionamos: que concepção tem as professoras sobre alfabetizar letrando? Tomando como norte este questionamento, discutiremos as concepções das alfabetizadoras Rosa e Eli acerca do alfabetizar letrando. A esse respeito, os relatos das alfabetizadoras evidenciam:

ROSA – Alfabetizar letrando é o melhor método, até porque eu já vinha trabalhando sem saber o que era alfabetizar e o que era letrar. Partir do que já tem para o que se quer chegar, sem saber que isso fazia parte, sem saber o que era em si o letramento. É o melhor

método para se trabalhar a questão da leitura, principalmente na alfabetização que é a parte principal.

ELI - Alfabetizar letrando. É o desenvolvimento dessa capacidade do intelecto do aluno de ler o texto e compreender o que ele tá lendo e aplicar né, diante de técnicas orais, técnicas escritas e até mesmo no seu dia-a-dia.

O relato de Rosa explicita o aspecto indissociável dos termos alfabetizar e letrar quando afirma o trabalho deve ser desenvolvido nessa perspectiva, mesmo sem saber distinguir, na ação pedagógica, o que é alfabetizar e o que é letrar. A alfabetizadora confunde em seu relato o letramento com método de alfabetização. Explicitamos, nesse sentido, uma preocupação voltada para a busca de um método adequado para alfabetizar que, com base nos discursos oficiais. Soares (2005), afirma que ainda estamos em busca de um método de alfabetização, sobretudo para não desenvolvermos uma prática alfabetizadora espontaneísta, apoiada na compreensão ingênua de que possibilitar o contato da criança com material escrito seja o suficiente para alfabetizá-la.

Para Eli, alfabetizar letrando corresponde ao desenvolvimento das capacidades de leitura e de interpretação de textos, visando à produção oral e escrita, podendo ser aplicada em situações do dia-a-dia. Nesse sentido, consideramos que a compreensão de Eli apresenta características de uma alfabetização desenvolvida na perspectiva do modelo autônomo de letramento, que se caracteriza pela autonomia da escrita como um produto completo em si mesmo, conforme postula Kleiman (1995), ao evidenciar o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma neutra como se a utilização do ler e escrever nos contextos sociais ocorresse somente de maneira esporádica, desconsiderando o uso e a função da escrita nos diferentes domínios sociais, de modo que a escola é apenas uma das agências de letramento.

O desafio de alfabetizar letrando perpassa, sobretudo, pela concepção da proposta de alfabetização e de letramento, considerando a dimensão social desses termos, a fim de que o fazer docente seja ressignificado mediante o desenvolvimento de ações que possibilitem a aquisição e o desenvolvimento da leitura e da escrita como práticas sociais, tendo como ponto de partida e de chegada o trabalho com os diferentes gêneros textuais situados nos mais variados suportes de leitura e de escrita em substituição às tradicionais cartilhas de alfabetização.

As práticas de alfabetização devem contemplar a contextualização da escrita com base nas situações reais de uso dessa tecnologia na sociedade, oferecendo condições para o letramento ao tempo que situam os gêneros textuais demarcando suas funções comunicativas. Consideramos a ressalva de que a escola não pode garantir o acesso a todos os tipos de leitura ou mesmo a sua utilização, no entanto, enquanto agência promotora do letramento deve encaminhar o aluno ao acesso da cultura letrada, possibilitando-o o conhecimento das diferentes formas de utilização dos recursos comunicativos. Tal proposição encaminha a discussão acerca do papel da professora alfabetizadora nesse contexto, a fim de que possa desenvolver práticas significativas de ensino que possibilitem o desenvolvimento do aluno acerca do funcionamento e utilização da escrita.

Essa compreensão está sustentada numa perspectiva sociocultural da alfabetização, cuja reflexão considera a percepção da criança acerca da língua escrita, a partir dos conhecimentos trazidos em decorrência das marcas de oralidade presentes nos discursos da família como um conhecimento real da criança a ser potencializado com base no conhecimento formal transmitido pela escola.

[...] essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita [...] (SOARES, 1999, p. 69).

O papel da professora alfabetizadora, nesse sentido, é a de mediadora desses conhecimentos, tendo em vista a potencialização das funções psicológicas superiores da criança, a fim de que esta possa se desenvolver autonomamente. Ressaltamos, nesse aspecto, a importância do conhecimento acerca do funcionamento da escrita e de como a criança aprende, como saberes necessários à professora alfabetizadora, objetivando o desenvolvimento de situações significativas de aprendizagem, possibilitando aos alunos refletir sobre o uso e a função social da escrita no seu cotidiano, como aspectos integrantes da organização do trabalho pedagógico na alfabetização.

Alfabetizar letrando é desenvolver ações significativas de aprendizagem sobre a língua, de modo a proporcionar situações onde a criança possa interagir com a escrita a partir de usos reais expressos nas diferentes situações comunicativas. Dessa

forma, aprender a escrever envolve, por um lado, a apropriação do sistema alfabético e ortográfico e, por outro, o desenvolvimento das habilidades textuais, ou seja, a produção de textos observando os elementos discursivos, conforme a tipologia textual, de modo a perceber que cada gênero tem uma forma diferente quanto à estrutura e organização, objetivando atender uma finalidade específica.

À escola cabe ampliar as experiências de leitura e escrita, proporcionando à criança condições para o letramento, a partir das marcas trazidas para o ambiente escolar, pois, é papel da escola,

[...] além de aperfeiçoar as habilidades já adquiridas de produção de diferentes gêneros de textos orais, levar à aquisição e ao desenvolvimento das habilidades de produção de textos escritos, de diferentes gêneros e veiculados por meio de diferentes portadores [...] (SOARES, 1999, p. 69).

Contudo, pensar a alfabetização na perspectiva do letramento implica na compreensão de um trabalho pedagógico organizado a partir da reflexão em torno desses termos, enquanto processos distintos, específicos, porém indissociáveis, que envolvem procedimentos diferenciados de ensino, considerando a necessidade e a importância de desenvolver a alfabetização num contexto de letramento. Assim, evidenciamos o papel fundamental que a professora alfabetizadora assume no processo de apropriação da escrita pela criança, sendo necessária a sistematização de conhecimentos acerca do processo linguístico, psicolinguístico e sociolinguístico do sistema alfabético e ortográfico, a fim de que possa desenvolver de maneira competente, situações significativas de aprendizagem, proporcionando ao aluno a apropriação da escrita de maneira bem-sucedida.

A alfabetização na perspectiva do letramento implica ainda uma opção política, em que o sentido dado à palavra imprime a possibilidade de transformação da realidade, sobretudo considerando o direito de todos à apropriação da escrita enquanto bem cultural, haja vista que se faz necessária a reflexão em torno das práticas de letramento desenvolvidas no processo de alfabetização, uma vez que a escrita permeia os diferentes domínios sociais e faz parte do nosso cotidiano, sobretudo com o advento da sociedade do conhecimento. No entanto, realçamos a importância de compreendermos que existem diferentes maneiras de falar, bem como diferentes maneiras de escrever, situando as variações linguísticas conforme o contexto social em

que atuamos e os diferentes papéis sociais que exercemos no seio de uma cultura letrada.

Notas conclusivas

As reflexões empreendidas no âmbito desse estudo realçam a compreensão da alfabetização enquanto aquisição da escrita como prática social. Nesse sentido, reiteramos os aspectos concernentes ao fazer docente alfabetizador com base na concepção sociocultural, haja vista que considera a dimensão social no processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita.

Revisitando as bases teóricas dessa concepção, destacamos a relevância atribuída às interações sociais na produção do conhecimento, uma vez que a aprendizagem ocorre a partir das relações estabelecidas entre o sujeito e seus pares. Neste aspecto, a prática pedagógica é marcada por uma rede de interações que envolve todo o processo educativo, incluindo os resultados da ação docente.

Não obstante, o desenvolvimento de ações significativas na alfabetização implica no domínio de conhecimentos específicos da alfabetização no que concerne ao funcionamento da escrita e o modo de compreensão desta pelas crianças, bem como o entendimento acerca do caráter complexo e multifacetado da alfabetização e do letramento. Neste sentido, Soares (2004) realça as especificidades inerentes ao processo educativo de alfabetizar e letrar, evidenciando que ambos são processos distintos, porém indissociáveis, considerando que o acesso ao mundo da escrita ocorre de maneira simultânea pelos caminhos da alfabetização e do letramento, daí a necessidade de uma prática pedagógica alfabetizadora na perspectiva do letramento.

Com base no exposto, evidenciamos o papel fundamental que a professora alfabetizadora assume no processo de apropriação da escrita, sendo necessária a sistematização de conhecimentos linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos acerca da língua materna, a fim de que desenvolva situações significativas de ensino, proporcionando ao aluno uma aprendizagem bem-sucedida na apropriação da escrita, de modo que este compreenda os usos e funções sociais desse produto cultural.

A proposta de alfabetização na perspectiva do letramento constitui um desafio para o professor, pois requer mudanças significativas acerca das questões

teórico-metodológicas que norteiam a prática pedagógica a partir do ensino da leitura e da escrita de forma mecânica e repetitiva, sustentada pelos métodos tradicionais expressos nas antigas cartilhas de alfabetização, desenvolvendo conteúdos desconectados das práticas sociais vivenciadas pelos alunos. Nesse contexto, a ressignificação da prática alfabetizadora decorre da ação crítico-reflexiva que deve permear o fazer docente, considerando a concepção acerca do homem que se deseja formar e as questões teórico-metodológicas em torno da alfabetização e do letramento rumo a uma aprendizagem significativa, de modo que o professor explore, na sala de aula, diferentes usos e funções sociais, a fim de formar leitores e escritores proficientes.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática.** Petrópolis: Vozes, 2005.

FRADE, I. C. A. da S. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais.** Educação. Santa Maria. Vol. 32. n.1. p. 21-39. 2007.

KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LAROCCA, P. & SAVELI, E. de L. Retratos da psicologia nos movimentos de alfabetização. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.). **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas.** Campinas: Komedi, 2005. p. 185-222.

SOARES, M. **Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação. jan/abr. n. 25, 2004.

_____. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, M. **A reinvenção da alfabetização**. Presença Pedagógica. Vol 9, n. 52. jul/ago, 2003, p. 14-21.

_____. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, E. **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 49-73.